

COTIDIANO DA EXISTÊNCIA E EXCLUSÃO NO CONTO “HAVIA SOL NA PRAÇA” DE VERGÍLIO FERREIRA

Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes¹
Márton Tamás Gémes²
Denise Francisca da Silva³

RESUMO

A leitura literária abre um leque para construção de interpretação de sentidos do texto apreendidos pelo leitor. Ademais, a compreensão do texto literário é uma experiência de fruição de sentido permeado pelas variantes de imagem, tempo, espaços e estética. Esta proposta que aqui apresento, busca elaborar uma análise fenomenológica, antropológica, e literária do conto de Vergílio Ferreira “Havia Sol na Praça”. Neste conto, Vergílio apresenta-nos a saga de um homem solitário, miserável e perversamente excluído de qualquer reconhecimento. O personagem narrador nos remete para uma caminhada pormenorizada da existência da exclusão no cotidiano do personagem principal. O Fadista vive em uma caranguejola com seu cachorro, o burro e centenas de piolhos. Ele sujeita-se aos olhares de desdém da população. Vive e sofre os percalços de uma existência angustiante nas zonas abissais da exclusão. Não tendo o que fazer o Fadista busca, aquecer seu mundo de sentido ao sol da praça. Porém, isto é um absurdo. Sua existência é banalizada, sua vadiagem é ridicularizada. Esse ser sujo, quiçá abjeto, que vive de transgredir às regras e costumes. No que tange às ordens e hierarquias mundanas, a vida do Personagem é uma espécie de desarranjo, porque ele é um homem livre. A sua materialidade corpórea causa repugnância. A trama da narrativa ajuda-nos a construir um olhar do reconhecimento da al-

1 Doutora do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federla do Rio Grande do Norte UFRN, ivaldinetedelmiro@gmail.com;

2 Doutor pelo Curso de Lusitanistik pela Universität zu Köln/Alemanha, marton_tamas@uva-net.br;

3 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

teridade do personagem no cotidiano de desigualdade. É notório apontar que, na perspectiva antropológica desta experiência literária é um exercício profícuo para compreender como ocorre a invisibilidade do homem moderno nos processos de zonas abissais.

Palavras-chave: Fadista, Exclusão Social, Invisibilidade, Existência.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como proposta apresentar uma compreensão fenomenológica e antropológica do texto literário. A partir da análise compreensiva do conto “Havia sol na Praça” do autor Português Vergílio Ferreira. Na obra investigou-se algumas dimensões antropológicas e existenciais que norteiam a experiência de exclusão social vivida pelo personagem principal “O Fadista”. O conto aponta para o eixo compreensivo da existência miserável do homem despossuído de bens materiais e culturais. A experiência do personagem Fadista é produzida, pelo contexto de sua cotidianidade e invisibilidade social. No entanto, é possível entender que ele está ali na praça. A sua vida se faz em um movimento, entre as sombras da exclusão, do preconceito e o sol da existência articulada através da poética teimosia de Ser e de participar do mundo. Ele participa do mundo. E, assim vai construindo um cotidiano de rompimento, liberdade, de escolhas

E um dia que eu subia a rua para a repartição, descia-a ele outra vez para a vadiagem. Até que, depois de fazer a sua ronda por longe, voltou de novo a estabelecer-se na praça. Gostava de um certo sítio onde batia o sol, sobretudo no tempo frio, parava o burro e estava ali. (FERREIRA, 1991, p.174)

A forma de abordagem compreensiva é articulada a partir de cada experiência da ação de leitura e de interpretação. Meu interesse pela temática se originou de uma experiência no mundo da arte, do belo e da vida. E, em um tempo de amor visceral, eu dialeticamente eu fui arrastada por duas paixões.

A primeira paixão aconteceu no continuum da experiência de amor existencial pelo Professor de Literatura Inglesa (companheiro na vida e na arte). No desenrolar dessa experiência afetiva e fortalecida pelos laços do romance, eu fui apresentada aos autores: Pessoa, Espanca, Mansfield, Blake, Wolf, Rilke, as irmãs Bronte, Veiga, Hamway, Ferreira e tantos outros.

A segunda afetação ou paixão originou-se através de processos decisórios, da escolha abissal, entre a experiência da exterioridade e da reflexividade antropológica, pois reconheci detalhadamente quão maravilhoso é o desejo de mergulhar nas obras literárias. Nesse rito da experiência da passagem e da paixão, eu me sensibilizei. Como assim descreve Larrosa, no “princípio da passagem”.

Se a experiência é “isso que me *passa*”, o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que “isso que me passa”, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece. (LARROSA, 2000, p. 25)

Foi assim, a partir dessa experiência de leitura do conto, eu pude reconhecer detalhadamente, no personagem o Fadista, algumas características do homem moderno produzido pela lógica da burocracia, pelos elos morais do individualismo burguês, que historicamente solavanca a miséria e pelo o *ethos* da competição demasiadamente humana, que cotidianamente reforça tragicamente a exclusão. O personagem principal aparece como alguém que realmente está despossuído de bens materiais. Todavia, ele carrega seu corpo no mundo. Ele é o sujeito da experiência, sensível e vulnerável que habita em seu corpo nu em um movimento dinâmico do aqui e agora.

A imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história. Ela é específica de um tipo de relação libidinal. A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora, por qualquer expressão linguareira, desenho, modelagem, invenção musical, plástica, assim como mímica e gestos. (DOLTO, 1994, 15/14).

O Fadista desafia o espaço da regra, ele burla o modelo de vida local. E, por ele não reconhecer e viver no cotidiano socialmente regrado. Vive sendo levado à prisão:

Como a caça ao piolho o levava a cadeia, já não caçava. Gostava era daquele sítio batido ao sol e de ver a gente a passar. Às vezes quando chegava, atravancando quase toda a rua, os carros buzonavam à volta com uma fúria de canzoada, mas ele nem ouvia. Tratava o burro, o cão proa

sentado no traseiro, ficavam os três ali. Parados ao sol. (FERREIRA, 1991, p. 174).

Houve circunstância em que a sua prática corpórea tenha causado uma afrontação aos costumes locais. Não obstante, nesses momentos de performances do personagem Fadista atraíam olhares de censura de senhoras conservadoras que casualmente passavam na Praça. E, quase sobre o disfarce de apreciação silenciosa podem ser interpretados como símbolos de corpos aprisionados e quiçá, a consciência de atos humanos recheados de medos e desejos sexuais sufocados. Além de que, pode ser compreendido como a afirmação do homem no mundo. Ou a noção do ser no mundo. “Presença não pode ser entendida como sinônimo de homem, pois ela é uma determinação ontológica, que já corresponde ao ser desse ente que coloca a questão do ser”.

Nessa jornada, eu pude notar também, que o Fadista dava diferentes significados ao ato de existir. Ele traz dentro de si a vida recheada de vontade. Possuía uma liberdade condicionada pelas nefastas experiências das injustiças sociais. Durante todo tempo social, ele tem sofrido um processo de exclusão social, no qual, ele não é apenas colocado no hospício, mas também, ele é privado do direito de ir e vir, do direito ao movimento corpóreo da vida, por exemplo, do direito de ficar sentado na praça e catar seus piolhos.

Só a polícia embirrava com ele, porque, além de perturbar o trânsito, tinha a mania de parar às vezes em certo sítio da praça para catar piolhos. Podia catá-lo noutra lado. Não catava – era ali. Chegava mesmo a despir a camisa para uma pesquisa mais conscienciosa, menos sujeita à contingência da simples apalpação. E, certo dia, levado no entusiasmo da busca, acabou por desapertar outras peças de roupas que já não era de desapertar (FERREIRA, p:174).

É notório que há uma circunstância em que essa atividade corpórea do personagem tenha causado uma afrontação aos costumes sociais e morais. Ele apanhava da polícia e era imediatamente preso. E daí, quando ele retorna para ficar na praça, já não se coça mais, pois sua performance foi moralmente interrompida e punida. Todavia, por ficar lá desfrutando do Sol na praça, ele é colocado no asilo. Não obstante, toda a cidade burla a regra de Humanidade, quando o trata como ser abjeto e arranca-lhe do convívio social. Isso ocorre quando: “De modo que as forças da cidade, para clarear um pouco os aspectos da praça e praticarem a justiça social, metem-no no asilo”.

É bom ressaltar aqui que, a negação do humano se faz no cotidiano da existência. Na esfera da racionalidade e na esfera da liberdade. Pois para Kant, esse princípio da humanidade e de toda natureza racional em geral enquanto fim em si mesmo (a qual é a condição restritiva suprema da liberdade das ações de todo homem) não é tomado de empréstimo à experiência. Pois, primeiro por causa de sua universalidade, já que ele tem em vista todos os seres racionais em geral, acerca do que nenhuma experiência é suficiente para determinar o que seja; segundo, porque aí a humanidade é representada, não como fim dos homens (subjetivamente), isto é, como um objeto que a gente de fato e espontaneamente toma como seu fim, mas como um fim objetivo. (KANT, p.431).

A Liberdade é a experiência humana permeada pelo agir racional e consciente em relação aos meios e fins no processo do existir. E, o conto de Vergílio possibilita um olhar antropológico para compreender as nuances e teias de experiências construídas pelo personagem Fadista. Além de permitir um olhar particular atribuídas ao modelo de exclusão e objetivação social em que é submetido este personagem. É bom ressaltar que, o conto de Vergílio Ferreira - Havia Sol na Praça - nos aponta para uma compreensão da cotidianidade do Ser no mundo. Além de apresentar um olhar do tempo da existência que permite a escolha do nada no contexto da relação homem/mundo.

A expressão composta "ser-no-mundo", já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de *unidade*. Deve-se considerar este primeiro achado em seu todo. A impossibilidade de dissolvê-la em elementos, que podem ser posteriormente compostos, não exclui a multiplicidade de momentos estruturais que compõem esta constituição. (HEIDEGGER, 1927/2006. P. 96/97).

Na escolha humana se processa os problemas que constitui a maneira como cada sujeito experiência a cotidianidade. O conto narra como o Fadista se permite viver a liberdade de modo tão livre, inocente e teimoso. Mostra quão incrível é a profundidade da vida na realização de performances no cotidiano de banalidades mundanas.

METODOLOGIA

A proposta metodológica do artigo foi traçada no viés do olhar da fenomenologia permeada pela dialógica de interdiscursividade entre os campos do saber literário e antropológico. No processo da escrita

antropológica, o campo de pesquisa é o lugar de vivência e observação direta com vários personagens encarnados em teias de relações culturais e simbólicas. Nesse artigo, o objeto de estudo se revela na compreensão do texto literário. Foi assim que fui acorrentada nas algemas epistêmicas das correntes que entrelaçam os olhares. E, me permiti fazer a saga dessa *"aventura literária/antropológica"* de pesquisa, nela naveguei pelos mares da compreensão textual e da experiência de fruição de sentido quando vivenciei, através da leitura sentimentos dialogando com os personagens do conto de Vergílio Ferreira, como o medo, a insegurança entre outros anseios que os pesquisadores cotidianamente sentem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste texto foi apresentado a compreensão do conto de Ferreira a partir do olhar antropológico sobre o cotidiano da exclusão, da existência e do cotidiano do personagem principal.

A leitura é de extrema relevância para toda sociedade. Apesar de existir inúmeras fontes de conhecimento e aprendizado, o ato de ler é uma das vias mais importantes de construção do conhecimento humano, não limitando a nenhuma de suas formas, sejam elas literárias, educacionais, culturais ou sociais.

Durante este estudo, eu compreendi que o ato de ler palavras, está dialogicamente, entrelaçado com a leitura que os indivíduos fazem do mundo. Esse fato acontece ao longo de várias experiências laborais, afetivas, lúdicas e simbólicas do fazer humano. Nas aulas de Antropologia e Sociologia eu encontro os fios da experiência fortalecidos pela hermenêutica que ligam ao mundo simbólico das leituras de obras de pessoas que compreendem o ato de ler como uma construção perene de sentidos, que alça vôo rumo ao subjetivamente construído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma narrativa textual é, de certo modo, a expressão da experiência humana no processo de interpretar o mundo a partir de formas: literal, estética, lógica, mística, científica e simbólica. O conto de Vergílio é uma tecitura do fazer literário, pois nos remete ao mundo da ficção, do belo, de laços, de redes de saberes e de sentidos que nos prende às correntes hermenêuticas.

Neste conto compreendo a partir do olhar do Espaço do marginalizado como um processo de Subir x descer: a representação simbólica do “caminho do homem” na sociedade? Questão. Será que temos escolha?!!!.

A repetição da volta do fadista à praça e do aprisionamento no asilo apontam para duas forças antagônicas: busca pela liberdade/autonomia e regras/coerção social. “Eu subia a rua para a repartição, ele desci-a para vadiagem.” (173)

Narrador subindo, pra onde? .

Não há vida sem escolha. É importante afirmar que, pode-se observar o cotidiano a partir de escala de valores que lhe dão hierarquia, pois não podemos fazer tudo ao mesmo tempo. Não podemos escolher tudo, ao mesmo tempo. É necessário selecionar. Assim, as escolhas humanas acabam por determinar uma escala de valores e por consequência uma escala de ação. (HELLER, 2008, p. 57)

O subir se torna como a representação da “coisa certa” na sociedade. O que é o certo nos processo de existência e produção da vida? Então por que a ironia do narrador? Por que ele vai atrás do fadista (175, 176 etc). Isso representa um mal-estar não assumido do narrador?

Ou talvez a esperança que para ele exista, também, algo além da “repartição”? O fadista como representação de uma existência marginalizada, mas não marginal? Nem infeliz? O negar das regras “certas” de “ser alguém na vida”?

A reação esculhambada do fadista é, também, uma afirmação, nem que seja inconsciente, de um não querer se conformar, ou quem sabe, o de exigir o direito a própria escolha. Assim dentro do universo criado pelos sujeitos da raça humana, a escolha é parte essencial no processo de construir-se e no processo do desfazer-se de si. A escolha é, o *supra sumo* da busca de si mesmo. E ao mesmo tempo, a escolha representa o movimento da negação/afirmação. “Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento desta contradição. Por isso, não se pode dizer do mundo animal que ele está sendo: o mundo humano só é por está sendo; e só está sendo na medida em que dialetizam a mudança e o estático.” (FREIRE, 2000. P.47)

E a escolha se renova. A escolha é o conteúdo da vida. É no movimento do cotidiano, que a pluralidade dos desafios da escolha acontece

“E como resolvera em quatro pranchas o problema da habitação e transportes, também toda a gente o admirava” (173) ironia e inveja? Narrador gosta do fadista, ao mesmo tempo gostaria se colocar numa posição superior a ele? Ao mesmo tempo o inveja?

São algumas questões que nos remete ao profundo poço das linhas interpretativas do mundo do personagem. Nesta obra literária, compreende-se que o Personagem principal- o fadista- exprime o cotidiano do homem despossuído de si. Também se abre a interpretação de outras características das experiências vividas pelo personagem: alienação, exclusão, sofrimento e invisibilidade social. Características oriundas da ausência do humanismo na cultura subterrânea produzida pelo sistema social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que partilham comigo o momento das flores, poemas e amores no Planeta

REFERÊNCIAS

DIMENSTEIN, G. **O cidadão de papel**. São Paulo, Ática, 2007.

Heidegger, M. (1995) **Ser e Tempo** (parte I). Petrópolis: Vozes.

DOUTO, Françoise. **No jogo do desejo**. Rio de Janeiro. Zahaar Editores, 1994.

FERREIRA, Vergílio. **Contos**. São Paulo: Editora Bertrand. 4ª Edição. 1991.

FREIRE. Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra. 19ª Edição. 1993

GOFFMAN, Erving. **Estigma: La identidad deteriorada**. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra. 8ª edição. 2008.

LARROSA, C. R. *et al.* **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. 2ª edição Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

Merleau-Ponty, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1996.

Ricoeur, P. **Tempo e Narrativa** (tomo I). São Paulo: Papyrus. 1994.